



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO DE ARQUIVOLOGIA**

**ISMAEL CHAVES FAUSTINO DE ARAÚJO**

**IPPON NO ESQUECIMENTO: A narrativa  
mnemônica na expografia do acervo fotográfico da  
Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino  
(AJLOF)**

JOÃO PESSOA – PB  
2014

**ISMAEL CHAVES FAUSTINO DE ARAÚJO**

**IPPON NO ESQUECIMENTO: A narrativa  
mnemônica na expografia do acervo fotográfico da  
Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino  
(AJLOF)**

Monografia apresentada ao Curso de  
Arquivologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Arquivologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Maria José Cordeiro de Lima

JOÃO PESSOA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663i Araújo, Ismael Chaves Faustino de  
Ippon no esquecimento [manuscrito] : a narrativa mnemônica  
na expografia do acervo fotográfico da associação de judô e luta  
olímpica Faustino (AJLOF) / Ismael Chaves Faustino de Araújo. -  
2014.

48 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria José Cordeiro de Lima,  
Departamento de Arquivologia".

1. Arquivo Fotográfico. 2. Difusão Cultural. 3. Expografia.  
4. Judô paraibano. I. Título.

21. ed. CDD 026.770

ISMAEL CHAVES FAUSTINO DE ARAÚJO

**IPPON NO ESQUECIMENTO: A narrativa  
mnemônica na expografia do acervo fotográfico  
da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino  
(AJLOF)**

Monografia apresentada ao Curso de  
Arquivologia da Universidade Estadual  
da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Arquivologia.

Aprovada em 22/07/2014.

  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Maria José Cordeiro de Lima / UEPB  
Orientadora

  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Anna Carla Silva de Queiroz / UEPB  
Examinadora

  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Esmeralda Porfirio de Sales / UEPB  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

A minha eterna irmã Vitória Kércia (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença constantemente ao meu lado, dando força e brilho em mim e da nossa família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para conseguir seguir meu caminho pessoal e profissional.

Agradeço à professora Maria José Cordeiro de Lima “Mara”, orientadora deste trabalho, por todo profissionalismo, paciência e dedicação, pelas discussões sempre instigantes sobre expografia, pelas sugestões pertinentes para a realização da monografia.

Agradeço aos meus Avós Lindalva, Josefa e Terezinha e aos meus Avôs José Medeiros e Ailton por me ajudarem de alguma forma a terminar meu trabalho.

Agradeço aos meus pais (Cláudia e Ailton) por toda educação, esforço, compreensão dada em toda a minha vida. Lembro como se fosse hoje, minha mãe dizendo a mim que um dia estaria na universidade e mostrava a movimentação de universitários quando íamos ao Hospital Universitário ter uma consulta médica. Lembro também a luta do meu pai em me levar no meu primeiro vestibular, que foi para este curso, na qual tivemos um contratempo e fiquei triste por pensar que iria perder a prova, mas meu pai me incentivou e encontramos uma solução em que eu cheguei a tempo e pude fazer a prova e entrar neste curso.

Agradeço a minha irmã Vitoria Kércia (*in memoriam*), apelidada amorosamente como “Vivi”, que em toda sua vida demonstrou ser uma pessoa que sempre me teve como exemplo de vida. Agradeço a sua presença, sua simplicidade, sua fidelidade e todo seu respeito que teve comigo. Pode ter certeza que essa vitória é sua!

Agradeço a minha noiva Jéssica Layla, mulher de fibra e de um coração enorme que eu tanto amo, que a todo o momento que eu precisei ela estava lá para me ajudar, me compreendendo e me incentivando para resolução deste trabalho.

Agradeço a Luciene e a Ivan, pais da minha noiva, pelo total apoio dado para a finalização do meu curso.

Agradeço aos meus primos e primas, especialmente a Anderson “Ném”, a Erica, a Carla, a Erica Gondim e a Elvanir por ter mais contato com eles, por me apoiarem na finalização da monografia.

Aos meus companheiros de universidade que se transformaram em grandes amigos e hoje alguns já são arquivistas: Anna Louise, Kleber Johnny, Vivaldo Neto, Yuri Nunes, Denise Brito, Iranilson Chianca, Bruno Farias, José Elder, Michelle Chaves, Deborah Lucena, Aline Crispim, Camila Candido, Marivania Dantas, Rianny, Isadora, Polyana,

Israelly, Renata, Sandiane, Loester, Bruno Pereira, Aldemane, David “Dj Alf”, Jefferson, Erick Cardoso, Sarah Duarte, Edezilda Sales e Kássia Rufino.

Aos professores e ex- professores, que tanto contribuíram para a minha formação: Jimmy Lellis, Washington Medeiros, Gabriela Garcia, Briggida (*in memorian*), Francinete, Esmeralda, Eliete Correia, Eutrópio, Henrique França, Suerde Brito, entre outros.

Ao meu amigo Elison Dantas por ter me ajudado no termino da tradução do resumo.

Aos meus colegas de trabalho da Ceatur que sempre me ajudaram e me compreenderam para o andamento da minha vida acadêmica.

A Família AJLOF que se compreende em: pais, atletas, ex-atletas e amigos que ao longo do tempo, 21 anos para se mais correto, fazem parte dessa história.

A toda equipe de luta olímpica da Fundação WEFA, que agora estou participando, e que me ajudaram e me motivaram para o termino da minha formação acadêmica.

Gostaria também de agradecer a banca examinadora: Profa. Ms. Anna Carla Silva de Queiroz, Profa. Ms. Esmeralda Porfirio de Sales que cedeu uma parte de seu tempo precioso para poder contribuir com meu trabalho.

A todos muito Obrigado !!

## RESUMO

Este trabalho aborda a temática da difusão cultural, através da expografia, num acervo fotográfico. O seu objetivo geral foi caracterizar um plano de difusão cultural para o arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF). Diante disso, utilizou-se uma metodologia exploratória, em uma abordagem qualitativa, utilizando a observação participativa como um instrumento de coleta de dados. Para a fundamentação teórica, utilizou-se PAES (2007), BELLOTTO (2007), NUNES (2012), HORA (2011), SCHEINER (2009), entre outros. O resultado demonstra a importância das ações socioculturais, tais como planos expográficos para a divulgação cultural em arquivo. Conclui-se que através das ações da difusão cultural, o arquivo contribui no desenvolvimento das pessoas tornando-as mais aptas a compreender o passado da comunidade em que vive e, com isso, colaborar para a construção social de seu povo.

**Palavras-chave:** Arquivo Fotográfico. Difusão Cultural. Expografia. Judô Paraibano. Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino.

## ABSTRACT

This Academic research approaches on the thematic of cultural diffusion which is through an expo graphics photos, it belongs to a photo achieve. The general objective of this research was characterized as a cultural diffusion plan of the Faustino Judo and Wrestling association (AJLOF). Therefore, it is applied an exploratory methodology, with a qualitative approach, using a participative observation as an academic tool for collecting data. For its theoretical fundamentals, it is used PAES (2007), BELLOTTO (2007), NUNES (2012), SCHEINER (2009), and others. This academic research result demonstrates the importance of social actions, such as expo graphics photos for cultural sharing on photo archives. Concluding, through cultural diffusion of actions, this photo archive contributes with people development which makes them to understand their community past where they live, therefore it collaborates with their social construction.

**Key words:** Fotografic archives. Cultural diffusion. Expographics. Paraiba State judo. Faustino Judo and wrestling Club (AJLOF).

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>FIGURA 1 –</b>	Foto da entrada da UEPB	38
<b>FIGURA 2 –</b>	Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.	39
<b>FIGURA 3 –</b>	Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.	40
<b>FIGURA 4 –</b>	Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.	40
<b>FIGURA 5 –</b>	Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.	41
<b>FIGURA 6 –</b>	Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.	41
<b>FIGURA 7 –</b>	Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.	41
<b>FIGURA 8 –</b>	Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.	42
<b>FIGURA 9 –</b>	Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.	42
<b>FIGURA 10 –</b>	Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.	42
<b>FIGURA 11 –</b>	Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.	43
<b>FIGURA 12 –</b>	Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.	44
<b>FIGURA 13 –</b>	Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.	44

## **LISTA DE SIGLAS**

AJLOF	Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino
FEPAJU	Federação Paraibana de Judô
FIJ	Federação Internacional de Judô
FPBLO	Federação Paraibana de Luta Olímpica
LNJ	Liga Nacional de Judô
SATA	Serviço Auxiliares de Transporte Aéreo
SNA	Serviço Nacional dos Aeroviários
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
WEFA	Wrestling and Education for All

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	12
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	12
2.2	PROBLEMATIZAÇÃO .....	13
2.3	OBJETIVOS.....	15
2.3.1	<b>Objetivo geral</b> .....	15
2.3.2	<b>Objetivo específicos</b> .....	15
2.4	UNIVERSO E AMOSTRAGEM .....	15
2.5	CAMPO EMPIRICO .....	16
2.6	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	17
3	<b>GÊNESE: DOCUMENTO, ARQUIVO E FOTOGRAFIA</b> .....	18
3.1	DOCUMENTO .....	18
3.2	ARQUIVO .....	19
3.3	FOTOGRAFIA .....	19
4	<b>FOTOGRAFIAS COMO DOCUMENTO DE MEMÓRIA</b> .....	22
4.1	FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO .....	22
4.2	ARQUIVO FOTOGRÁFICO E A SUA FUNÇÃO SOCIO-CULTURAL ...	24
5	<b>ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO DE JUDÔ E LUTA OLÍMPICA FAUSTINO (AJLOF) : UMA “MEMÓRIA VIVA” DO JUDÔ PARAIBANO</b> .....	25
5.1	ORIGENS DO JUDÔ NO MUNDO E NO BRASIL .....	25
5.1.1	<b>Judô Paraibano: relatos de uma história que perdura ate hoje</b> .....	26
5.2	PROTAGONISTA NA TRAJETÓRIA DA AJLOF .....	29
6	<b>A EXPOGRAFIA – UMA POSSIBILIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL EM ARQUIVOS</b> .....	33
6.1	DIFUSÃO CULTURAL A PARTIR DO DOCUMENTO DE ARQUIVO ..	33
6.2	EXPOGRAFIA .....	34
7	<b>PLANO DE EXPOGRAFIA NO ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO DE JUDÔ E LUTA OLÍMPICA FAUSTINO (AJLOF)</b> .....	36
7.1	ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DA PRÉ-MONTAGEM.....	37
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
	<b>REFERENCIAS</b> .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo teve início com a nossa vivência de vinte e um anos na Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), tanto na parte de aluno como a de professor, o que nos fez armazenar grande parte dos momentos participados pela equipe através das fotografias em que nos levaram a perceber que aqueles documentos fotográficos não contam só a história da equipe e sim do judô na Paraíba.

No acervo fotográfico da AJLOF, é encontrada uma valiosa e importante memória esportiva paraibana na modalidade de judô, por ser um dos arquivos fotográficos existentes na Paraíba que retrata a evolução do judô paraibano. Diante dessa relevância, fizemos uma política de divulgação sociocultural, cujo objetivo foi recuperar e disseminar a memória deste arquivo, através da expografia como estratégia institucional de difusão cultural do arquivo.

Após uma análise dos documentos imagéticos referentes aos eventos participados pela equipe da AJLOF, ao longo de sua gênese, foi permitido pensar na criação de mecanismo que estimulasse o acesso das informações do arquivo. Escolhemos uma função que é utilizada no ambiente arquivístico, que é a difusão cultural, a qual detém infinitas possibilidades de fazer esta função. Dentro da difusão cultural, podemos perceber uma ação sociocultural que se encaixa perfeitamente com os documentos fotográficos do acervo e a expografia tendo uma ação em que dá vida para sentimentos vividos pelos membros da equipe, no momento em que é exposto ao público.

Segundo Franco (2008, p.4) a exposição nasce:

Uma exposição nasce necessariamente da intenção de comunicar uma idéia, um tema, um conjunto de artefatos, uma coleção inusitada, parte da obra de um artista, um recorte conceitual sobre determinado acervo museológico, enfim, abrange ações de selecionar, pesquisar, documentar, organizar, exibir e difundir.

No sentido de promover uma interação da sociedade com a memória produzida pela AJLOF, fizemos um projeto de expografia dos documentos fotográficos encontrados no arquivo fotográfico da AJLOF.

A ideia de planejar um projeto expográfico frutificou após o falecimento de uma das atletas e fundadora do arquivo da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), a filha do fundador da equipe e minha irmã, Vitória Kércia Chaves Faustino de Araújo. Durante a construção do projeto, percebemos que Vitória Faustino detém grande participação, que ficou marcada nos documentos imagéticos do arquivo, ou seja, é uma das protagonistas da história da AJLOF.

A caracterização do plano voltado à difusão cultural do arquivo foi feita em uma ação sociocultural, que através da expografia pôde interligar os elementos expostos com o público visitante, fazendo assim, uma disseminação da informação inserida nos documentos fotográficos.

Dentro da caracterização do que seja a difusão cultural e a expografia no âmbito arquivístico, podemos perceber uma das características do arquivista que é poder trabalhar em vertentes de outras áreas, como o da museologia e da biblioteconomia, como foi o caso da expografia feita através de documentos de um arquivo.

A concretização dessa pesquisa é muito relevante para a Arquivologia, pois, a partir das ideias propostas, será possível abrir uma infinidade de possibilidades no desenvolvimento de pesquisas na área da arquivologia, no campo da expografia, como também será relevante para a comunidade judoísta paraibana, por ser um trabalho que relatará parte da história do judô na Paraíba.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo: o CAP. 1 intitulado de Gênese: Documento, arquivo e fotografia, que traz uma abordagem sobre as principais características dos principais dispositivos de uma instituição arquivista. O CAP.2 Fotografia como documento de memória aborda a importância da fotografia através de seu valor memorístico encontrada nesses documentos imagéticos. O CAP.3 Arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) : Uma “Memória viva” do judô paraibano destaca a importância do arquivo fotográfico da AJLOF para a comunidade judoísta paraibana. O CAP.4 A expografia – Uma possibilidade de difusão cultural em arquivos enfatiza como outras temáticas, que nesse caso é a difusão cultural, muito utilizada por outras áreas, podem demonstrar a importância dos arquivos. O CAP.5 Plano de expografia no arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) descreve como será feito o plano de expografia do arquivo fotográfico da AJLOF, tendo como foco neste trabalho a primeira etapa do projeto que é a pré-montagem.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DE PESQUISA**

Esta pesquisa é assinalada como empírica que, de acordo com Marconi e Lakatos (2008, p.190):

São investigações [...] cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

A pesquisa empírica baseia-se na observação do objeto a ser estudado dentro de seu próprio local. Nesse sentido, a pesquisa nasceu dentro do ambiente da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), onde se percebeu um grande volume informações armazenadas em sua massa documental, retratando diversas passagens memorísticas da AJLOF.

Com base nisso, a pesquisa utilizou a abordagem qualitativa que, de acordo com Richardson (2011, p.90), “seria uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

A abordagem qualitativa forneceu subsídios para interpretação do valor informacional armazenado nas fotografias, descrevendo fatos marcantes da instituição.

Para a execução dos objetivos, utilizamos a pesquisa exploratória. Gil (2008, p.41) explica que “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com visto e torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Além da pesquisa exploratória, também foi utilizado o estudo de caso que de acordo com Gil (2008, p.54) “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

O estudo de caso funcionou eficientemente no projeto, pois as atividades a que foram feitas precisou-se de um estudo profundo e exaustivo da gestão dos gêneros fotográfico.

Assim, analisou-se o fenômeno e defendeu a importância de um projeto de expografia como política de divulgação cultural em arquivos.

## 2.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A cada segundo no mundo são geradas diversos tipos de informações, fazendo com que costumes e valores sejam mudados repentinamente de uma forma em que os próprios grupos envolvidos não percebiam essa mudança. Através disso, podemos perceber a necessidade de preservar certo tipo de informação, primordiais para certos grupos, a fim de poder transmitir para seus descendentes, ou seja, que continue vivo em seu povo.

A partir desse entendimento, os arquivos precisavam ter um tratamento especial. A importância dos arquivos trouxe a necessidade em usar políticas de divulgação de instituições arquivísticas a fim de estimular o grande público a perceber essas riquezas muitas vezes esquecidas (NUNES, 2011).

Uma das áreas da arquivologia que ajuda a estimular o interesse do grande público sobre a importância dos arquivos é a difusão cultural. A difusão cultural será uma ação que demonstraria os arquivos como uma ferramenta sociocultural na medida em que esses acervos fazem parte do convívio dos indivíduos em suas formações como cidadãos. O serviço da difusão cultural cabe duas vias contrárias de ação: a que lança elementos de dentro do arquivo para fora, procurando atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo, e a que permite o retorno dessa mesma política, acenando atrativos no recinto do arquivo, como é o caso da expografia (BELLOTTO, 2007).

Segundo o dicionário de Ciências Sociais (1987 apud HORA, 2011) a expografia implica no movimento de transferência de traços característicos culturais e ideias de uma sociedade, ou grupo étnico, à outra. Nessa perspectiva, a proposta do AJLOF é descrever a importância da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino para a construção de características culturais da comunidade judoísta da Paraíba.

De acordo com NUNES (2011, p.17) “na arquivologia, a prática da expografia ainda é pouco discutida, pois não há uma política consistente e centralizada que fomente a importância cultural dos arquivos”. Pensando nessa deficiência, o trabalho irá servir como base para futuros trabalhos, no âmbito arquivístico, na prática da expografia em documentos fotográficos.

Visando a divulgação cultural no arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), a pesquisa caracterizou em um plano de difusão cultural e uma ação educativa nos documentos fotográficos encontrado no acervo da AJLOF. O plano constituiu na criação de um projeto de expografia, voltado aos documentos imagéticos da AJLOF que demonstrasse os principais momentos participados pela equipe.

O motivo que incentivou a execução da política de difusão cultural, através da construção do projeto de expografia do AJLOF, surgiu devido a Associação de Judô e Luta Olímpica ser uma das instituições mais antigas em que ainda está na ativa no judô paraibano, tendo assim um enorme conteúdo sobre a história do judô na Paraíba.

Diante que foi exposto, a questão da pesquisa fundou-se na seguinte indagação: **Como o projeto de expografia, enquanto atividade de difusão cultural poderá ajudar na visibilidade da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino?**

## 2.3 OBJETIVOS

### 2.3.1 Objetivo Geral

Caracterizar um plano de difusão cultural para o arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino.

### 2.3.2 Objetivo Específicos

- Discutir a importância da Difusão Cultural no contexto da expografia;
- Demonstrar a importância do projeto de expografia do arquivo fotográfico da AJLOF para a comunidade judoísta paraibana;
- Elaborar um projeto de expografia como instrumento de difusão cultural no acervo fotográfico da AJLOF.

## 2.4 UNIVERSO E AMOSTRAGEM

De acordo com Gil (2008), o universo ou população correspondem a um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. O universo da pesquisa foi às entidades esportivas na modalidade de judô que estão filiadas ou vinculadas na Federação Paraibana de Judô<sup>1</sup>.

A amostra, de acordo com Gil (2008), “seria o subconjunto do universo, por meio da qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo”. A amostra da pesquisa será a Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino, uma entidade esportiva ligada à Federação Paraibana de Judô, que possui cerca de setenta alunos matriculados, e por ter sido criada em 1993 é considerada uma das equipes mais antigas da Paraíba.

A amostragem utilizada na pesquisa foi à amostragem não probabilística que, de acordo com Richardson (2011, p.160) foi aqueles “sujeitos escolhidos por determinados critérios: acidentais e intencionais ou de seleção racional”. E a características da amostragem será a por conveniência que, de acordo com Gil (2008) a amostra por conveniência, seria em “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo”. No contexto da amostragem, o recorte da amostra será

---

<sup>1</sup> Os dados referentes ao quantitativo de academias ligadas a Federação Paraibana de Judô foi feita através de relatos informais com treinadores, pois a federação não disponibilizou as informações requeridas.

o arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino, especificamente os documentos fotográficos.

## 2.5 CAMPO EMPÍRICO

### Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF)

A Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), entidade esportiva vinculada na Federação Paraibana de Judô (FEPAJU) e Federação Paraibana de Luta Olímpica (FPBLO), localizada no bairro de Mangabeira VII, na cidade de João Pessoa – PB. Essa entidade possui cerca de 70 atletas, tendo aulas de judô e luta olímpica em diversos dias na semana.

Essa instituição esportiva foi criada em dez de abril de 1993 com o nome de Escola de Judô Faustino em homenagem ao seu fundador, o professor de judô e luta olímpica Ailton Faustino, conhecido popularmente como o “Professor Faustino”. Em 2000 a instituição mudou o nome para Associação de Judô Faustino e em 2011 com a inclusão da modalidade de luta olímpica no cartel da Associação, ela passou a ser chamada de Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF).

Em relatos informais com o professor Faustino, soubemos que seu objetivo foi de introduzir pessoas com poucas condições financeiras a um esporte olímpico pouco praticado no estado da Paraíba e em que na zona sul de João Pessoa, até então quase não se ouvia falar. Atualmente, após vinte e um anos de existência, associação possui diversos títulos por equipes em competições paraibanas e copas estaduais, além de possuir atletas que já foram campeões ou medalhistas nas principais competições do Brasil e da América.

Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino possui grande histórico de conquistas no cenário paraibano, possui atletas de nível nacional e que fazem parte na seleção Brasileira, como é o caso de Amanda Cavalcanti (atleta que o professor Faustino formou e que é da seleção brasileira principal de judô), Ewerton Luna (Atleta da seleção brasileira escolar de Luta Olímpica), Luana Cristina (Atleta da seleção brasileira cadete de luta olímpica) e Vitória Faustino (filha do professor Ailton Faustino que já foi medalhista várias vezes na modalidade de judô e conseguiu ser uma das melhores atletas do Brasil em sua classe na modalidade de luta olímpica, entretanto faleceu recentemente).

Arquivo Fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino

O arquivo da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino foi fundado em agosto de 2011 por Ismael Chaves Faustino de Araújo e Vitória Kércia Chaves Faustino de Araújo (filhos do fundador da AJLOF), localizado no bairro de Mangabeira na capital de João Pessoa, possui um precioso valor a comunidade judoísta paraibana pela colaboração e compromisso da equipe que ao longo do tempo continuou participativa em eventos na modalidade de judô. Além que poderá ser considerado referencia para a arquivística pelo seu raro acervo fotográfico, por ser de um arquivo que trabalha com documentos fotográficos em eventos esportivos.

## 2.6 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados é uma ferramenta que permite a análise e a explicação de informações apresentadas, constituindo como peças chave para a qualidade e fidelidade da pesquisa.

Foi usada para a execução da pesquisa, a observação, pois temos um grande conhecimento da equipe e do arquivo fotográfico e com isso conseguimos observar e interpretar na melhor forma parte dos documentos fotográficos inseridos no acervo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) .

De acordo com Gil (2008), a observação é um o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Ela pode ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente em outros momentos da pesquisa, chega a ser considerada como um método de investigação.

A tipologia escolhida para a observação foi à observação participativa que, de acordo com Gil (2008), consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada, permitindo ao sujeito a ter conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Portanto, a observação foi escolhida para a realização da pesquisa pela facilidade em que transmite no momento de coleta de dados no acervo fotográfico da AJLOF em um espaço de tempo relativamente curto.

### 3. GENESE: DOCUMENTO, ARQUIVO E FOTOGRAFIA.

Antes de descrevermos a importância sociocultural de documentos armazenados num arquivo, é preciso entender os papéis exercidos pelos documentos, arquivos e fotografia, pois são dispositivos que detêm características primordiais em uma instituição.

#### 3.1 DOCUMENTO

As instituições desenvolvem diversas atividades de acordo com as suas atribuições e os documentos refletem essas atividades, porque fazem parte do conjunto de seus produtos. De acordo com Dicionário Arquivística Brasileiro (2005) o documento seria uma unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou o formato.

A origem dos arquivos entrelaça muito com a história dos documentos, pois através da proliferação dos documentos, ocasionados pelo surgimento da escrita trouxe a necessidade de guardar essas informações e com isso houve a criação dos arquivos. Os documentos poderão ser produzidos e acumulados em diferentes formatos, espécies e gêneros em que se apresentam dentro de um arquivo.

O conceito de documento algumas vezes é confundido com o conceito de documento de arquivo (que será mais descrito no próximo capítulo), e distingue na diferença de sua origem e de sua coleta. Marilene Paes (2007, p.26) relata dois conceitos que demonstrem muito bem essa diferença:

Documento - Aquele que, produzido e/ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elemento de prova ou informação;  
Documento do Arquivo - Aquele produzido e/ou recebido por pessoa física no decurso de sua existência.

O documento poderá ter sentido restrito ou amplo. No sentido restrito o documento é o livro, folheto, revista, relatório, entre outros. Acredita-se que este sentido é o mais disseminado, em razão da materialidade concedida ao documento convencional. No sentido amplo o documento pode ser visto como bem cultural, ou seja, um monumento, um sítio paisagístico.

Além de tudo que foi exposto, os documentos ainda possuem outras funções essenciais que são importantíssimas o funcionamento de qualquer instituição arquivística, que de acordo com Tanus, Renau e Araújo (2012, p.160):

Documentos possuem outras funções essenciais para o funcionamento dos arquivos, como os princípios da proveniência ou do respeito aos fundos, da territorialidade, do respeito à ordem natural, da pertinência ou princípio temático, e o princípio da reversibilidade.

### 3.2 ARQUIVO

O arquivo é um local que possui grande importância para uma instituição, seja ela pública ou privada, por possuir diversas ferramentas arquivísticas que são essenciais para o funcionamento e existência de um estabelecimento.

A respeito da conceituação do arquivo, Paes (2007, p.16) descreve o arquivo como “É acumulação ordenada dos documentos, em sua maioria textuais, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando à utilidade que poderão oferecer no futuro”.

Além deste conceito demonstrado por Marilene Paes, o arquivo, possui outro sentido que seria definido como a entidade ou órgão administrativo responsável pela custódia, pelo tratamento documental e pela utilização dos arquivos sob sua jurisdição.

Desde a época do arquivo nacional na França os arquivos são considerados de grande valia para as instituições, pois ao longo do tempo essas informações formaram a história daquele determinado povo. Essas informações poderão transcender a instituição e chegar à sociedade, transformando num valor histórico cultural de um determinado povo em que utilizará aquelas referências para uma futura pesquisa ou para uma formação de um conhecimento específico na área.

De acordo com Bellotto (2007, p.228):

O arquivo é a “consciência histórica” da administração. Também pode sê-lo relativamente à comunidade, se souber captar as potencialidades que, nesse sentido, lhe oferece seu acervo. A par da cultura tradicional, os arquivos podem enveredar pelo caminho da divulgação verdadeiramente popular, sem se esquecer do constante reaquecimento de suas relações com seus usuários correntes: pesquisadores – cidadãos comuns ou historiadores.

### 3.3 FOTOGRAFIA

A fotografia é um resultado de estudos e experiências vividas por diversos cientistas, em diversas épocas, e seu funcionamento se baseia na capturação da imagem através da luz,

ou seja, a utilização da câmara escura<sup>2</sup> e a existência de material fotossensível<sup>3</sup>. Kossoy (1989) relata que a essência e a finalidade da fotografia reflete a seguinte equação: fotografia = elementos constitutivos (assunto, fotógrafo e tecnologia) + coordenadas de situação (espaço e tempo).

Em outro momento, Kossoy (1989, p.45) descreve a informação contida numa fotografia que seria:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é citá-la em pelo menos três estágios muito bem definidos que marcam a sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; essa pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro de origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia [...].

O nome fotografia tem origem no idioma grego e significa “escrever com a luz”, e a primeira fotografia reconhecida foi em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, entretanto o seu desenvolvimento não pode ser atribuído apenas a uma pessoa, pois vários cientistas estudaram e aperfeiçoaram a fotografia que conhecemos hoje. A fotografia se conceitua como um suporte visível de referências passadas e artefato produzido num determinado momento histórico, sendo analisada teoricamente sua aplicabilidade, elaboração e preservação.

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005) a fotografia seria uma “Imagem produzida pela ação da luz sobre película coberta por emulsão fotossensível, revelada e fixada por meio de reagentes químicos”.

Além desses tipos de tipos de fixação de imagens, podemos incluir as fotografias coloridas e digitais, que trouxeram um aumento significativo da produção dos documentos fotográficos no mundo. A fotografia colorida seria uma capturação da imagem em formato colorido e teve grande repercussão mundial, pois antigamente as fotografias só eram feita em preto e branco. A fotografia digital, a fotografia do mundo moderno, veio a partir do século XX com o advento do computador, se relaciona com os meios de comunicação, e abre espaço para a divulgação das fotografias convencionais. Sua representação é expressa em dígitos

---

<sup>2</sup> Caixa preta vedada de luz e que possui um pequeno orifício em um dos seus lados. Seu mecanismo de funcionamento consiste em captar para dentro da caixa, a imagem que se quer reproduzir e fixá-la em um material fotossensível.

<sup>3</sup> Fenômeno de sensibilidade à luz que toda matéria possui.

binários passíveis de tratamento matemático e sua estrutura ordenada em pontos (elementos de imagem ou pixels). Seu suporte é intangível, portanto, virtual por definição. Além de ser reproduzir instantaneamente, a fotografia digital possui um baixo custo, comparado com os outros tipos de fotografia.

A partir da chegada da fotografia digital e o seu aceitação na sociedade, veio a questão de que a tecnologia digital seria uma ameaça para a fotografia analógica. Contudo, com o passar do tempo, foi visto que a tecnologia digital não representa nenhuma ameaça à fotografia analógica, pois alguns profissionais e amadores ainda resistem à mudança tecnológica e valorizam os métodos tradicionais. Trata-se de um recurso adicional, tanto técnico quanto estético, para o usuário e para o pesquisador.

#### 4. FOTOGRAFIAS COMO DOCUMENTO DE MEMÓRIA

A fotografia possui um grande papel social, pois qualquer indivíduo poderá registrar e divulgar algum acontecimento através da capturação de imagens. Através disso, a fotografia poderá transmitir com grande intensidade os aspectos psicológicos, físicos e emocionais de algo rotineiro.

A questão da fotografia como documento de memória é trabalhada no aspecto do registro perpetuador do referente, que torna a fotografia um objeto do passado e, portanto, um objeto de memória, fazedor de lembranças, provocador de rememorações e ponto inicial de narrativas memorialistas.

A memória é algo a que chegamos após um processo de abandono da presença ou da existência de alguém, de alguma coisa ou de algum fato. De acordo com Camargo (2006), o processo de construção da memória compõe os processos que realizam a produção sistemática de novas celebrações que passam a conviver com marcos temporal e temas demarcadores preexistentes.

A importância da informação inserida na fotografia é primordial para o cenário da memória social, pois assegurará o acesso à informação (momentos capturados) para futuras gerações, e com isso, os fatos registrados não entrarão no esquecimento.

Le Goff (1992), no seu livro “História e Memória”, faz um percurso através da história, relata que os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores de “mecanismo de manipulação da memória coletiva por parte de classes, de grupos, de indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”, revelando também a preocupação destas categorias em tornarem-se “senhores da memória e do esquecimento”.

Além do que foi descrito por Le Goff (1992), o esquecimento da memória poderá acontecer com o desleixo dos responsáveis pelos acervos, em que na grande maioria das vezes, não utilizam as normas arquivísticas e também não recebem uma devida atenção da instituição, causando deteriorização e perda de documentos.

##### 4.1 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO

A questão sobre a fotografia em ser um documento de arquivo é um assunto bastante discutido na era moderna, haja vista existirem alguns estudiosos a favor e outros contra. Para alguns estudiosos, a fotografia não é considerada documento de arquivo, pois não compartilha os elementos de forma documental presente em documentos textuais, ou seja, são desprovidos do caráter contextual e são tratados isoladamente a partir de seu conteúdo informativo factual.

De acordo com Lacerda (2008, p.76):

Os manuais e principais obras teóricas arquivísticas enfocam, privilegiadamente, os documentos “típicos” de arquivo, - ou seja, os do gênero textual, de natureza administrativa, produzidos com base em procedimentos controlados e de acordo com a regulamentação oficial ou preocupação jurídico/legal, essas obras têm se mantido distantes de um enfoque mais detalhado sobre os tão irregulares e inconstantes registros visuais.

Schelleberg em sua obra “Arquivos Modernos: Princípios e Práticas” descreve a fotografia como documento de arquivo em um tom contraditório, pois em alguns momentos ele considera a fotografia como documento de arquivo, e em outros ele aponta algumas dificuldades de aceitar a fotografia como documento.

Já outros, como o caso de Hora (2011, p.38), afirmam que a fotografia é um documento de arquivo quando a informação tratar sobre uma mensagem visual, pois só assim seu conteúdo transmitirá diversas interpretações em um simples olhar no documento imagético.

Um dos maiores obstáculos para a aceitação da fotografia como documento de arquivo seria a dificuldade de aplicar uma metodologia (conservação, restauração e preservação) arquivística que possa ser utilizada nos dois gêneros (textual/fotográfico). Contudo, houve algumas mudanças no cenário arquivístico, transformando os documentos fotográficos e digitais com os mesmos vínculos em relação ao arquivo.

A arquivologia recorre à diplomática<sup>4</sup> para resolver a aceitabilidade da fotografia como documento de arquivo. De acordo com a diplomática, as fotografias seriam naturalmente incorporadas ao conceito de documento de arquivo, na medida em que constituem um tipo de registro, sobre um suporte que demonstre uma evidência. Ou seja, a partir do conceito de documento de arquivo, a fotografia pode ser incluída por extensão, de acordo com os principais atributos característicos, à definição teórica de documento.

Como toda produção humana, a fotografia torna-se um documento de época, desde que seus elementos originais constitutivos sejam mantidos em toda a sua extensão. Para tanto, durante sua elaboração, processamento e arquivamento, deve-se observar algumas normas para manutenção e preservação dos objetivos originais. O uso da fotografia como documento de arquivo só é possível, quando conseguimos recuperar todas as informações explícitas e implícitas à imagem e no processo de realização do registro fotográfico.

---

<sup>4</sup> Disciplina que tem como objeto o estudo da estrutura formal e da autenticidade dos documentos.

## 4.2 ARQUIVO FOTOGRAFICO E SUA FUNÇÃO SOCIO-CULTURAL

Os arquivos fotográficos, locais em que são armazenadas as fotografias, são acervos que detêm um local de memória cultural e de construção e transmissão do conhecimento que contribui para o desenvolvimento de algumas características de certos indivíduos.

Denominados “arquivos especiais” os arquivos fotográficos possuem em seus principais suportes a fotografia que é um material que detém um diferente tratamento e guarda, se compararmos com os documentos textuais. Levando-se em consideração a forma como deve ser conservado o arquivo fotográfico, Marilene Paes (2007) descreve o tratamento especial não é apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle e conversação.

Uma rica fonte de saberes do passado, o arquivo fotográfico, descreve os fenômenos, acontecimentos e vivências da sociedade em determinada época. Este arquivo pode ser constituído como centro da cultura, onde suas ações estão voltadas ao desenvolvimento sustentável e a emancipação do indivíduo. Uma particularidade encontrada na fotografia, um dos suportes do arquivo fotográfico, é o papel que documentos imagéticos detêm de diminuir o espaço entre o mundo e o homem, pois as fotos tem a função de representar o mundo naquele momento que é capturado aquele momento.

O arquivo é considerado como uma instituição social que propicia o aumento das liberdades individuais através do acesso das informações e os documentos fotográficos tem a possibilidade de repassar informações, através de narrativas visuais, que demonstram o cotidiano do homem, ou seja, é uma importante ferramenta para a cultura de determinado povo. A partir dessas características, podemos perceber que o arquivo fotográfico detém uma função sociocultural em torno da sociedade, pois além de exercer a liberdade individual dos indivíduos através do acesso a informação, ele consegue incluir esses fatos na vida das pessoas fazendo com que transformem em algo característico de um determinado povo.

De acordo com Hora (2011, p.131), “os arquivos fotográficos são de suma importância às entidades públicas ou privadas, uma vez que atestam sua historia, ao mesmo tempo em que representam fatos e fenômenos da sociedade na qual esta inserida”.

O arquivo fotográfico, enquanto elemento sociocultural pode contribuir para o desenvolvimento mais amplo dos indivíduos, quando for utilizado para a promoção das potencialidades dos sujeitos.

## **5. ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO DE JUDÔ E LUTA OLÍMPICA FAUSTINO (AJLOF): UMA “MEMÓRIA VIVA” DO JUDÔ PARAIBANO**

O arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) é coordenado por Ismael Chaves Faustino de Araújo, que trabalha com a organização do arquivo desde sua criação, que foi em 2011.

Na construção do arquivo, Ismael Chaves Faustino de Araújo teve a primordial ajuda de sua irmã Vitória Kércia Chaves Faustino de Araújo que deu as principais ideias para a inicialização do arquivo.

Atualmente, o arquivo fotográfico da AJLOF possui aproximadamente quatro mil fotos em sua grande maioria no formato digital. Esses documentos imagéticos descrevem os principais eventos participados pela equipe da AJLOF entorno de seus vinte e um anos de existência.

Por não existir outro arquivo fotográfico que configure um papel sócio-cultural entorno do judô na Paraíba, este arquivo possui inestimável valor para comunidade judoísta da Paraíba em virtude de ser a única fonte que relate a história do judô paraibano através de momentos passados pela equipe AJLOF.

O arquivo fotográfico da AJLOF possui uma memória viva dos momentos que a equipe viveu durante anos que entrelaça com a evolução e a história do judô na Paraíba.

O acervo fotográfico da AJLOF pode ser considerado referencia para a Arquivologia por demonstrar a importância dos arquivos para a construção da memória de uma cultura, que neste caso é a judoista paraibana. Além que será uma demonstração direta que a expografia pode ser utilizada no meio arquivístico como meio de ação cultural nos arquivos.

### **5.1 ORIGENS DO JUDÔ NO MUNDO E NO BRASIL**

Um dos esportes mais populares na era moderna, o Judô, vem cada vez mais sendo inserido no hábito da sociedade brasileira. Não há um brasileiro, em qualquer região do país, que não saiba a sua vestimenta e qual seria seu objetivo principal no combate.

O judô foi criado em 1882 na cidade de Tóquio, capital do Japão, através de seu fundador o professor Jigoro Kano. O Professor Kano teve uma ideia de criar uma arte suave e mais voltada ao desportivismo, visando à formação do homem em meio da sociedade, desta arte, foram retirados golpes violentos e técnicas impróprias aonde seria utilizada o principio do “Uso da força do adversário contra ele mesmo ou o uso da força bruta”.

O professor Jigoro Kano buscava a perfeição do ser humano através do judô e o aprimoramento da humanidade por meio do bem-estar de todos. Nessa filosofia, utilizada primeiramente na Kodokan<sup>5</sup>, foi um sucesso e hoje o judô é um dos esportes olímpicos mais praticados no mundo.

Segundo o próprio professor Kano<sup>6</sup> (2008, p.29):

O judô é uma disciplina física e mental, e suas lições podem ser aplicadas na nossa vida diária. O princípio fundamental do judô, que governa todas as técnicas de ataque e de defesa, é que, qualquer que seja o objetivo, ele é mais facilmente alcançado através do uso, com a máxima eficiência, da mente e do corpo.

O judô chegou ao Brasil em 1908 com a vinda da imigração japonesa, que chegou inicialmente no estado de São Paulo. Um dos discípulos do professor Kano, o professor Mitsuyo Maeda (conhecido como conde Koma) estava fazendo uma excursão de demonstração do judô no continente americano aonde enfrentou mais de mil lutadores para confirmar a superioridade de sua arte marcial. Ao chegar ao Brasil, o conde Koma ofereceu seus serviços ao exército brasileiro, e teve como primeiros alunos Oswaldo e Carlos Gracie, que futuramente criaram o Jiu-Jitsu Brasileiro (Brazilian Jiu-Jitsu/BJJ).

Atualmente o judô é um dos esportes mais praticados pelos brasileiros em diversas localidades de estados no Brasil. Isso é uma demonstração que o trabalho feito pelo fundador do judô foi um sucesso, em que através do uso dos princípios direcionados ao judô que mudaram a vida de diversas pessoas.

### **5.1.1 Judô Paraibano: relatos de uma história que perdura até hoje**

O judô na Paraíba já detém de certa experiência e tradição no cenário nacional, pois já teve atletas com brilhantes resultados e na seleção brasileira principal. Como não podemos esquecer que foi através do judô ministrado na Paraíba é que o Brasil teve uma das maiores ídolos na modalidade de judô que foi a judoca paraibana Ednanci Silva.

Mesmo tendo uma grande história no judô brasileiro, o estado da Paraíba ainda não detém de não nenhuma literatura que relate sobre a história do judô paraibano, mesmo com mais de 30 anos de existência da federação. Para suprir esta falta iremos prescrever o relato de

---

<sup>5</sup> Foi a primeira escola de judô no mundo. A Kodokan foi criada em 1882 três meses depois da criação do judô, aonde seu objetivo principal, que até hoje torna o mundo, seria que através dos ensinamentos do judô o ser humano tornaria mais pacífico e harmônico na sociedade.

<sup>6</sup> Tradução de Wágner Bull.

um dos treinadores mais antigos do judô paraibano, fundador de uma das equipes mais vitoriosas em competições estaduais, o professor Ailton Faustino de Araújo Filho.

O professor Faustino relata que em 1994, quando chegou à Paraíba, havia poucas academias que tinha aulas de judô e com o tempo foi aumentando o número de professores e consequentemente o número de alunos. Os principais professores que trabalhavam em quatro cidades eram:

- João Pessoa: Airton Pinheiro (ministrava aulas no SESI-Bayeux), o professor Simbaldo (ministrava aula no colégio Pio X e na academia Kodokan), a professora Djanete (que ministrava aulas no Espaço Cultural com a sua equipe “Judô Atlantis”), o professor Murilo (ministrava aulas na Fundação Gama), o professor Denis (que ministrava aula em sua academia Shintai-dô), O professor Onacir (que ministrava aula nas universidades), o professor Isaias (que ministrava aulas no SESI- Centro) e o professor Adjailson (que ministrava aulas para os alunos no curso de formação de oficiais);
- Cabedelo: professor Janderly Dantas;
- Patos: professor Vital Lins;
- Mamanguape: professor Bola;
- Campina Grande: os professores Fialho (que foi o professor que encontrou Ednanci Silva) e Denílson de Sá.

A partir de 1996 começou a aparecer outros professores como Roosevelt (no SESI-Centro) e em Bayeux com o Professor Hilton com a equipe Favo de Mel. Depois vieram outros professores que seriam alunos destes professores.

A respeito das competições realizadas no estado, a grande maioria das competições acontecia no colégio Marista Pio X, pois o colégio sempre apoiava o judô no estado. Depois de algum tempo começaram a aparecer outros locais, que na grande maioria eram colégios em que os professores ministravam aulas de judô, como os colégios Ca-Coc, Atual, Hipocrates, Polígono.

O professor Faustino enfatiza a importância da gestão do professor Simbaldo de Almeida Pessoa para o desenvolvimento do judô no estado. De acordo com Faustino, Simbaldo ajudou muitos professores a poderem começar a ministrar aulas em locais que não havia nenhum conhecimento a respeito do judô. Ele mesmo foi um exemplo, pois para melhorar as suas aulas ele recebeu alguns tatames da Federação Paraibana de Judô para lecionar aulas no bairro de mangabeira.

Ao longo do tempo o judô teve uma serie de transformações que afetaram em sua pratica cotidiana. Na Paraíba, essa mudança não foi diferente, pois diversos professores e alunos tiveram que se adaptar com as novas regras estabelecidas pela Federação Internacional de Judô (FIJ) que tivesse o intuito de não perder a essência da filosofia do judô, além das inovações tecnológicas, que vieram para melhorar a pratica desta arte suave.

Antigamente os tatames<sup>7</sup> eram feitos com um tecido grosso e revestido com palha de arroz e tinha cores vermelho e verde, com o tempo os tatames foram se tornando mais leve com a troca do seu revestimento e do tecido e ganharam cor azul escuro e vermelho. Hoje os tatames são das cores amarelo e azul e houve uma troca do material em que fizeram com que os tatames sejam mais confortáveis no amortecimento das quedas.

Na Paraíba, houve também essa evolução na parte dos tatames. De acordo com o relato do professor Faustino, essa evolução dos materiais demorou um pouco, pois esses materiais têm preços muito elevados.

A respeito do kimonos conhecidos na comunidade judoísta como Judogui, houve certa evolução de seu material. Logo no inicio do judô, só existia judoguis<sup>8</sup> da cor branca, os formatos dos kimonos só tinha o tipo liso e não existia nenhum regulamento que tratasse a respeito do judogui. Com o tempo teve a entrada da judogui da cor azul e do judogui dupla-face (uma parte do judogui é branco e a outra parte é azul), e dos tipos de judogui veio o trançado (que era mais resistente do que o liso). Hoje o judogui está mais resistente e pesado, chegando a pesar de cinco a dez quilos, e há um regulamento que descreve como deverá ser feito aonde havendo discordância, o praticante poderá ser desclassificado numa competição oficial.

Segundo o professor Faustino, os praticantes de judô na Paraíba utilizavam inicialmente os judoguis da cor branca do tipo liso por ter preços acessíveis, pois os judoguis azuis e dupla-face tinham preços em que pouca gente tinha condições de pagar. Contudo com o passar do tempo estes judogui que eram considerados caros começaram a diminuir o preço e fica acessível entre os praticantes.

Outro equipamento que mudou, mas não foi uma inovação tecnológica, foi a faixa conhecida no meio do judô como “obi”. Antigamente existia uma diferenciação entre o sexo feminino e masculino e essa diferenciação era vista pela faixa, aonde do sexo feminino tinha

---

<sup>7</sup> Equipamento esportivo em que amortece as quedas dos praticantes de judô.

<sup>8</sup> Vestimenta utilizada pelos praticantes do judô conhecido popularmente como kimono.

uma tira de seda no meio da faixa aonde compreendia toda a faixa. Entretanto com o tempo a FIJ achou melhor deixar igualitário as faixas masculinas e femininas.

Na Paraíba houve essa mudança também, mas as atletas do sexo feminino gostavam do estilo de suas faixas e algumas ainda utilizaram por um bom tempo (ate ser proibido o uso nas competições oficiais).

## 5.2 PROTAGONISTAS NA TRAJETÓRIA DA AJLOF

O arquivo fotográfico da AJLOF possui um valor inestimável armazenado em seus suportes, por deter vários momentos importantíssimos que contam a história da equipe como também do judô paraibano.

Dentro dessas valiosas lembranças, podemos perceber que existem alguns protagonistas que fizeram com que aqueles momentos tenham certo valor cultural para a Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino. Alguns desses protagonistas, que na grande maioria foram atletas da equipe, tiveram trajetórias diferentes dos demais onde alguns já não estão mais presentes em nosso meio, mas ficaram eternizados nos corações e nas fotos desta grande equipe.

Os principais protagonistas<sup>9</sup> da equipe AJLOF foram: o professor Ailton Faustino e as atletas Amanda Cavalcanti e Vitória Kércia. Houve outras pessoas que fizeram partes de grandes momentos da equipe, entretanto não tiveram tanta expressão como essas três pessoas.

### PROFESSOR AILTON FAUSTINO DE ARAÚJO FILHO – “O Fundador da AJLOF”

O professor Ailton Faustino de Araújo Filho (pernambucano no sangue, mas paraibano de coração) teve sua infância conturbada com o assassinato de seu pai que ele presenciou e a partir deste fato passou a ter alguns traumas no que fizeram ser um jovem problemático.

Com a sua mudança para São Paulo, o professor Faustino conheceu um homem que mudaria totalmente a sua vida e que lhe trataria como um filho. O imigrante japonês Kazuhiko Arakaki, vendedor de frutas e nas horas vagas era professor de judô. Com os treinamentos do judô fizeram com o professor Faustino tivesse um novo caminho a ser seguido e conseqüentemente (os levarão a ser um grande atleta).

Por causa de alguns problemas familiares, o professor Faustino precisou voltar para o Rio de Janeiro e a partir disso foi treinar judô com o senhor Masano Ogino, japonês irmão do

---

<sup>9</sup> Os relatos feitos com cada protagonista, foi desenvolvido através de conversas informais com cada um deles.

professor Kazuhiko Arakaki, ex-combatente da segunda guerra mundial, e lá que ele começou a se destacar participando de competições de níveis nacionais e internacionais obtendo excelentes resultados na qual fizeram chegar na seleção principal e ter a chance de participar de um Jogos Olímpicos, entretanto não conseguiu realizar este sonho por se machucar no período preparatório dos Jogos.

No período de recuperação da lesão e com a perda de alguns patrocínios, o professor Faustino começou a trabalhar como segurança de casa de shows, pois não tinha outra renda que pudesse lhe sustentar, e um desses momentos ele conheceu a mulher de sua vida, a senhora Claudia Regina Chaves Faustino de Araújo. Neste relacionamento, que depois de alguns meses chegou ao noivado e ao casamento, gerou ainda no Rio de Janeiro o seu primeiro filho.

Depois de algum tempo, a mãe da senhora Claudia Regina teve problemas de saúde em que fizeram com que a família se mudasse urgentemente para a Paraíba. O professor Faustino na época tinha um emprego no Sindicato Nacional dos Aeroviários (SNA) e no serviço auxiliares e transporte aéreo (SATA) e largou os empregos para viver com a família na Paraíba e ter um novo desafio.

Chegando à Paraíba, sem emprego e percebendo que não havia uma difusão em todos os bairros da modalidade de judô, o professor Faustino teve a ideia de montar uma equipe de judô e com isso fundou uma das equipes mais vitoriosas no cenário Paraibano.

O sonho do professor Faustino de lecionar aulas veio ainda jovem, quando questionado por um parente sobre sua capacidade de ter algum futuro, pois com o trauma ocasionado com a morte do seu pai, o fizeram parar os estudos por um tempo. Com esse desafio o professor Faustino prometeu para si mesmo que um dia seria um professor e mostraria a todos que ele era capaz.

Atualmente o professor Faustino detém vários alunos que hoje se tornaram professores e tem uma estimativa de mais ou menos cinco mil atletas passaram em sua equipe com vinte e um anos de existência.

AMANDA CAVALCANTI DE OLIVEIRA – “Atleta destaque da AJLOF”

A atleta Amanda Cavalcanti começou a treinar cedo judô na escola Pinocchio-Visão com o professor Faustino. Na época, ela fazia diversas modalidades esportivas aconselhadas pela sua mãe, contudo o que mais gostava de fazer era o judô.

Como naquele tempo não havia muita menina praticando judô, Amanda Cavalcanti treinava na grande maioria com meninos, o que lhe fez uma força e uma agilidade diferenciada em sua categoria. Depois de um ano de treinamentos de judô, Amanda começou a se destacar conseguindo bons resultados como diversas vezes campeã paraibana e norte nordeste.

Pelos excelentes resultados, Amanda Cavalcanti recebeu uma bolsa de estudos de um dos melhores colégios de João Pessoa, que foi o Hipócrates, e começou a treinar com o professor Alcidemar Júnior que era o professor da modalidade de judô do estabelecimento de ensino.

Com o tempo, a atleta percebeu a necessidade de treinar com o professor Faustino para complementar os treinamentos que tinha com o professor Alcidemar Júnior. Essa junção das aulas deu certo e a atleta conseguiu seu primeiro título internacional, que foi campeã sul-americana com apenas dezesseis anos.

Atualmente a atleta vive em São Paulo e faz parte do clube do São Caetano aonde treina com a atleta paraibana Ednanci Silva. Lá em São Paulo ela conseguiu chegar na seleção brasileira e no momento está se recuperando de lesão.

#### VITÓRIA KÉRCIA CHAVES FAUSTINO DE ARAÚJO – “Princesa da AJLOF”

A atleta Vitória Kércia Chaves Faustino de Araújo conhecida no meio do esporte como “Vitória Faustino” era considerada como a princesa da equipe da AJLOF por ser filha do fundador da equipe. Mesmo com todos os caprichos do seu pai ela nunca utilizou disso para tirar proveito no esporte, pelo contrário, ela era muito cobrada.

Desde pequena era percebido o seu talento no esporte, pois finalizava grande parte de suas lutas muito rápido com o ponto máximo do judô conhecido como “IPPON”. Com nove anos de idade já obteve um título expressivo, que foi segundo lugar na Copa Internacional Cidade de Fortaleza-CE. Com onze anos participou de seu primeiro brasileiro norte-nordeste conseguindo a medalha de bronze. E com quinze anos, ela conseguiu a faixa que seria o sonho de qualquer judoca, que foi a faixa preta após ser campeã brasileira norte-nordeste da Liga Nacional de Judô (LNJ) juvenil (categoria de atletas com idades de 15 e 16 anos), segundo lugar na classe júnior (atletas com idade de 15,16, 17,18 e 19 anos) e segundo lugar na categoria sênior (atletas com mais de 15 anos).

Em 2012, ela recebeu o convite de seu irmão de entrar em uma nova modalidade esportiva que estava começando a ser difundida na Paraíba, a luta olímpica. Com as bases do

judô dadas pelo seu pai e os ensinamentos do seu irmão ela começou a se destacar nesse esporte chegando a ser a segunda do ranking geral do Brasil na classe da juventude, ou seja, fazia parte da reserva da seleção brasileira da juventude.

No ano que seria o ano da sua vida esportiva, a atleta Vitória Faustino, com apenas dezesseis anos, falece nas vésperas da competição que seria o seu objetivo principal naquele ano, que seria os Jogos Escolares da Juventude. Esse acontecimento abalou a estrutura de todos os componentes da equipe AJLOF em que não entendem até hoje porque aconteceu esse fato com uma garota saudável que estava no auge de sua carreira esportiva.

Em homenagem a esta brilhante atleta, a equipe de seu irmão faz parte, mudou o nome para Wrestling and Education for All (WEFA) - “Vitória Faustino”, aonde em competições e eventos sempre fazem uma pequena homenagem a ela.

## 6. A EXPOGRAFIA – UMA POSSIBILIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL

A expografia é uma das áreas que detém mais ênfase na museologia, pois trabalha especificamente com a exposição de objetos em um determinado local e momento, tendo caracterizado um objetivo específico. Contudo a arquivologia vem começando a utilizar a expografia num intuito de demonstrar a importância das informações inseridas nos arquivos.

De acordo com Nunes (2012) a expografia, como política institucional de difusão cultural nos arquivos, surge como uma das mais fascinantes representações da sociedade humana, pois traduz a memória construída pouco a pouco através do tempo em determinado lugar.

A expografia, usado frequentemente para se referir a mostras de arte, tem procedência do latim *exponere*, que significa “pôr para fora”, “entregar à sorte”. Ela é uma ferramenta da difusão cultural que ajuda na transmissão de ideias de um determinado povo. Esse importante papel faz com que a sociedade na qual é beneficiada pela ação sociocultural possa saber sua história e com isso seja peça primordial para a sua existência.

### 6.1 DIFUSÃO CULTURAL A PARTIR DO DOCUMENTO DE ARQUIVO

Atualmente a difusão cultural vem sendo utilizada na arquivologia no objetivo de transmitir as informações existentes nos arquivos, garantindo assim a existência daquela instituição.

De acordo com Bellotto (2007, p. 228):

A difusão cultural seria a transferência de traços característicos culturais ou de ideias de uma sociedade. Onde estão estritamente ligados nas atividades culturais promovidas ou não por um arquivo, porém serão destinadas a um público específico. Destaca-se que o serviço de difusão cultural de um arquivo possui duas importantes funções: lançar elementos de dentro para fora, procurando atingir um campo de abrangência cada vez mais amplo, e a que permite o retorno dessa mesma política, acenando com atrativos no recinto do arquivo.

As ações que motivem a realização da difusão cultural são fundamentais para o entendimento dos gestores e de pessoas envolvidas na instituição sobre a importância dos arquivos. Essas ações deverão dar um impacto entorno das informações inseridas no arquivo, numa forma em que o arquivo receba uma atenção especial e uma titulação de peça chave para a sobrevivência da instituição.

A difusão cultural é uma ferramenta que torna a informação a ser transmitida com fácil compreensão do povo específico, através de ações que são de fácil acesso do público. As principais ações exercidas pela difusão cultural são palestras, seminários, lançamento de obras e expografia.

Sabendo da necessidade de transmitir as informações inseridas no arquivo, os gestores do arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) escolheram a possibilidade da difusão cultural como meio propagador que fará com que as informações contidas nas fotografias sejam repassadas de uma maneira rápida e sucinta.

A AJLOF procura descrever um pouco da história do judô na Paraíba, como também relembrar momentos vividos pelos membros desta equipe, através de seus documentos fotográficos. A difusão cultural se encaixará perfeitamente deste objetivo, facilitando a transmissão dessas informações a partir de ações socioculturais no arquivo.

## 6.2 EXPOGRAFIA

Sabendo da importância da iniciação da difusão cultural no arquivo fotográfico da AJLOF de ser necessário saber qual seria a melhor ação da difusão cultural que melhor descreveria as informações contida nos documentos fotográficos do arquivo da AJLOF numa maneira de fácil compreensão do público em geral.

A expografia é um dos meios em que pode ser feita uma estratégica política de comunicação e divulgação das memórias encontradas nos documentos fotográficos, ou seja, a expografia conseguirá reviver o passado memorísticos daquelas fotografias.

De acordo com Nunes (2012), a expografia seria primordial em um ambiente de arquivo fotográfico, pois possui uma fonte histórico-cultural de um passado, e suscita uma comunicação entre o conteúdo apresentado e o observador.

A expografia foi criada pelos estudiosos da área da museologia, aonde se caracterizava como ação da difusão cultural que iria expor objetos, que em sua grande maioria seria os documentos imagéticos, no intuito de transmitir aquelas informações guardadas naqueles suportes para o público.

No âmbito arquivístico, a expografia vem sendo utilizada há pouco tempo, pois não entendiam a utilização da exposição em documentos de arquivo. Após a resolução deste conflito, os teóricos começaram a perceber o valor que a expografia poderia dá para os arquivos.

A construção da expografia é de tão importância para os documentos de arquivos, que sua ação fará com que os responsáveis pela instituição percebam a valiosa informação que está inserida nesses arquivos e com isso darão um melhor tratamento.

Conforme Nunes (2012) a expografia, como política institucional de difusão cultural nos arquivos, surge como uma das mais fascinantes representações da sociedade humana, pois traduz a memória construída pouco a pouco através do tempo em determinado lugar.

A partir de toda discussão apresentada pela a importância e os benefícios da expografia em documentos de arquivos, escolhemos como tipo de ação da difusão cultural a expografia por se encaixar perfeitamente com os objetivos propostos pelos gestores do arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) que é transmitir as informações relativas a equipe e do judô na Paraíba para o público em geral.

## **7. PLANO DE EXPOGRAFIA DO ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO DE JUDÔ E LUTA OLÍMPICA FAUSTINO (AJLOF)**

Antes de começar qualquer expografia é necessário realizar uma serie de etapas para que a exposição ocorra com sucesso. Essas etapas deverão está caracterizadas num projeto que descreverá procedimentos que irão do inicio ao termino da expografia.

Conforme Franco (2008, p.50) “O desenvolvimento de projetos expositivos caracteriza-se por um conjunto de ações diversificadas, que requerem estratégias próprias, aptidões humanas diferenciadas, sistemas de organização peculiares e esforços de viabilização concentrados”.

A primeira a coisa a se fazer na elaboração de um projeto expografico é escolher a equipe interdisciplinar que será responsável para a realização da exposição. Nessa equipe disciplinar aparecerá à figura do “curador” que será um gestor da elaboração do projeto da expografia. Além do curador, a equipe será formada pelo arquiteto/designer, educador, arquivista e coordenador/gestor. Vale salientar a inclusão do arquivista pelo fato da expografia envolver documentos de arquivo e nada mais como legitimador conhecimento na área o profissional da área de arquivologia.

A equipe interdisciplinar do projeto de expografia do arquivo fotográfico da AJLOF será composta por uma curadora (que será a esposa do fundador da equipe, a senhora Claudia Regina Chaves Faustino de Araújo) e o gestor (que terá um pouco da função de arquivista, o responsável do arquivo e arquivista ingresso do curso de arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, o senhor Ismael Chaves Faustino de Araújo).

Formado a equipe interdisciplinar, será preciso que essa equipe se reúna e decida quais fases serão feitas para a elaboração do projeto de expografia. Elaboramos o plano de expografia de acordo com que é retratado por Scheiner (2009) que estrutura a elaboração da expografia em cinco etapas:

- **1º Etapa – Pré-Montagem**

- Concepção (Descreve a proposta da exposição, que tipo de exposição seria, a exposição seria para qual grupo de pessoas, aonde seria o melhor local a ser feito a exposição);
- Planejamento (Demonstração das características do local aonde a exposição será feita e encontrar o tema que se relacione com o acervo);
- Programação;
- Produção;

- **2º Etapa – Produção da Exposição**

- Montagem (montagem da exposição e a exposição pronta)

- **3º Etapa – Exposição**

- Exposição;

Inauguração (Exposição aberta e materiais nas mídias)

- Manutenção da Exposição e do Acervo;

Controle de visitação (Estatísticas de visitantes)

Atividades Complementares (atividades culturais como: eventos, gincanas, visitas guiadas).

- **4º Etapa – Desmontagem**

- **5º Etapa – Avaliação**

- Avaliação (relatórios de avaliação, prestação de contas e agradecimentos).

Como a pesquisa descreve o projeto de exposição do arquivo fotográfico da AJLOF, nos atentamos em descrever a primeira etapa da exposição, que seria a pré-montagem visto que precisará ser feito futuramente um trabalho de descrição e de restauração de alguns documentos imagéticos que serão utilizados na expografia e a partir dessa atividade, começará ser feito a segunda etapa do projeto expográfico.

## 7.1 ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DA PRÉ-MONTAGEM

### CONCEPÇÃO DO PROJETO

È a primeira parte da pré-montagem, aonde caracterizamos que o projeto expográfico do arquivo fotográfico da AJLOF terá o objetivo de transmitir, através das imagens a serem expostos, os momentos vividos pela equipe AJLOF, que detém de 21 anos de existência no cenário esportivo, que irão disseminar não só a história da equipe, como também do judô na Paraíba.

Após a caracterização do projeto, através do objetivo da expografia, selecionamos vinte e cinco fotos do período de 1994 a 2012 em que serão utilizadas na exposição. Com essas fotos, como forma de conservação ate o momento da expografia, colocou em folhas de papel ofício. Depois de fazer isso em cada uma das fotos, pegamos as folhas e inserimos em um livro muito utilizado pelos músicos para guardas letras de músicas que se assemelha muito a técnica de encapsulamento<sup>10</sup> no intuito de proteger as fotos de alguma deteriorização.

---

<sup>10</sup> Processo muito utilizado na conservação e preservação dos documentos que faz com que o documento é acondicionado entre as duas laminas de poliéster transparente, vedada nas extremidades.

O tipo de exposição a ser utilizado, será a pioneira por ser documentos fotográficos de um longo período da AJLOF, como também pela importância das informações e pela primeira vez será exposta ao público. Pretendemos fazer essa exposição itinerante, aonde levaremos para alguns bairros de João Pessoa e futuramente para algumas cidades da Paraíba.

## PLANEJAMENTO DO PROJETO

A segunda etapa da pré-montagem é a respeito do planejamento, chamado também de anteprojeto (por ser um plano a ser realizado pra a construção de um projeto), é assinalada inicialmente pelo o local a ser feito a exposição. Pretendemos inicialmente expor durante V Ação Educativa promovida pela professora Maria José Cordeiro de Lima do curso de arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba Campus V, no mês de novembro no bairro do Cristo redentor, onde está situado o referido campus V da UEPB. Na ocasião da ação educativa será expostos para os alunos do curso de graduação em Arquivologia, Biologia e Relações Internacionais; para os Alunos da escola estadual José Lins do Rego; e para o público em geral.

Abaixo, apresentamos a imagem descreve o provável local expositivo.

**FIGURA 1** – Foto da entrada do Campus V da UEPB.



**FONTE:** Blog do Aniversario do Campus V da UEPB (2011)

Na parte do tema da expografia, podemos perceber que será exposto algo de uma instituição que detém uma grande tradição no cenário esportivo paraibano, tradição na qual obtida através de bons resultados esportivos como também pela vivencia na modalidade de judô que já faz vinte um anos de trabalho com o esporte, podemos pegar essa fundamentação

e colocar o seguinte tema da exposição: “AJLOF, uma equipe esportiva em prol do judô na Paraíba”.

## PROGRAMAÇÃO DO PROJETO

A terceira etapa da pré-montagem, aonde descrevemos o roteiro da exposição, que inicialmente será no período em que durar a ação educativa da UEPB. Utilizaremos na parte dos equipamentos necessários para a realização da exposição, as imagens ampliadas em 30x40cm e cinco cavaletes na cor branca no intuito de colocar cinco fotografias em cada cavalete. Além desses dois materiais primordiais para a realização da expografia, terá ainda materiais básicos (cartolina, cola, tesoura e fita adesiva) e a respeito da iluminação, vai depender de qual sala será feita a exposição para ser escolhida qual a iluminação a ser feita.

## PRODUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Na quarta e última etapa da pré-montagem, a produção da exposição, pretendemos fazer a montagem dos equipamentos um dia antes da exposição, pois como será uma expografia de pequeno volume, dará para preparar o local sem precisar de muito tempo. A expografia será dividida em quatro categorias, aonde um guia que explicará cada uma delas e algumas particularidades que o público não conseguirá ter através das fotografias.

A primeira categoria será relacionada ao início da AJLOF demonstrando a construção da academia e os primeiros locais de treinamento. Essa categoria será intitulada como “Início da equipe de judô Faustino”.

**FIGURA 2** – Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.



**FONTE : Dados da Pesquisa (2014)**

**FIGURA 3** – Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.



**FONTE :** Dados da Pesquisa (2014)

**FIGURA 4** – Imagem da categoria “Início da equipe de judô Faustino”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

A segunda categoria seria relacionada com as turmas que foram feitas em cada ano na AJLOF no período de 1993 a 2011. Essa categoria será descrito como “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.

**FIGURA 5** – Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

**FIGURA 6** – Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

**FIGURA 7** – Imagem da categoria “Turmas da AJLOF de 1993 a 2011”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

A terceira categoria será a respeito dos protagonistas da AJLOF (aonde faremos um breve relato de cada um deles). Essa categoria terá o nome de “Protagonista da AJLOF”.

**FIGURA 8** – Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.



**FONTE:** Dados de Pesquisa (2014)

**FIGURA 9** – Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

**FIGURA 10** – Imagem da categoria “Protagonista da AJLOF”.



**FONTE: Dados da Pesquisa (2014)**

A quarta e última categoria, que será a mais importante para o público judoísta mostrará a evolução do judô na Paraíba a partir dos documentos imagéticos. Essa evolução procuraremos descrever sobre os principais equipamentos utilizados no judô, que é o tatame, a faixa e o kimono. Essa categoria está descrita como “Evolução do ambiente do judô”.

**FIGURA 11** – Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.



**FONTE: Dados da Pesquisa (2014)**

**FIGURA 12** – Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

**FIGURA 13** – Imagem da categoria “Evolução do ambiente do judô”.



**FONTE:** Dados da Pesquisa (2014)

Essas categorias farão com que o público tenha uma viagem através da história e o desenvolvimento da equipe da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino e por fim sobre a evolução do judô paraibano.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho podemos perceber a importância da atuação da equipe da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) no processo de construção da cultura do judô na Paraíba ao longo de sua vivência e do seu inestimável acervo fotográfico, fonte de informação para a construção da memória coletiva da comunidade judoísta local.

No intuito de colocar os arquivos mais acessíveis para a sociedade foi necessário pensar em ações de difusão cultural que possam garantir a ligação do arquivo com o público. Essas ações socioculturais estimulam a aproximação do indivíduo com os arquivos, através das informações inseridas nos documentos, gerando um impacto a medida que aquelas informações são recordadas pelos personagens daqueles momentos.

Nesse entendimento, as ações que promovem a difusão cultural nos arquivos, como é o caso da expografia, trazem um novo olhar e uma nova direção para a área da arquivologia, pois os arquivistas terão outros meios de fazer com que as instituições possam dar o devido tratamento aos arquivos.

De acordo com Bellotto (2007, p.236) a “exposição é uma verdadeira reconstrução viva do tema”. A exposição foi a melhor escolha feita pelos gestores do arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF), pois foi a partir desta ação de difusão cultural que conseguirá realizar o que foi proposto.

A construção do projeto expográfico, mesmo ressaltando a parte da pré-produção, foi de grande importância para a caracterização da pesquisa, pois descreveu passo a passo os procedimentos que deverão ser feitos para a realização da expografia.

Com o andamento da pesquisa, percebermos que o arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino (AJLOF) possui uma valiosa informação que além da expografia a ser feita, pretendemos fazer outros trabalhos de inclusão daquelas informações ao público como é o caso de um documentário e uma construção de um livro.

A concretização dessa pesquisa revelou um novo caminho em que os arquivos poderão oferecer à sociedade, a partir de um papel social construído por alguns indivíduos que em seu conjunto construirão a história de seu povo. Ou seja, o arquivo começa a ser reconhecido como um local que guarda informações primordiais para a sobrevivência da sociedade de um determinado povo.

O projeto de expografia do arquivo fotográfico da Associação de Judô e Luta Olímpica Faustino será o primeiro projeto expográfico a ser feito por uma equipe da

modalidade de judô no estado da Paraíba, sendo assim um material importantíssimo para as pessoas que desejam saber sobre a história do judô paraibano de antigamente. A equipe AJLOF possui 21 anos de existência sendo uma das equipes mais antigas a ainda atuarem no cenário esportivo paraibano. Através desses fatores, pretendemos fazer brevemente um livro e um documentário que relatará a história dessa equipe que está intrinsecamente relacionada com a história do judô na Paraíba.

Não obstante o reconhecimento do papel sociocultural do arquivo, a pesquisa desenvolvida, cujo objetivo foi de propor um projeto de expografia voltado para a exposição dos acervos fotográficos com base em passagens memorialísticos da instituição, teve como maior desafio a restrição bibliográfica na área de arquivologia, pois tem poucos autores que relatam esta temática. A maior parte das referências encontradas ainda é vinda das áreas da museologia e da biblioteconomia. Sendo assim, esta pesquisa, também, cumpre a função de ajudar na construção de futuros trabalhos sobre o tema.

## REFERENCIAS

ARQUIVO NACIONAL, **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. 2005. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>> . Acesso em 10 de junho de 2014.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento Documental**. 4.ed.Rio de Janeiro:FGV,2007.

BLOG DO ANIVERSÁRIO DO CAMPUS V DA UEPB. Disponível em: <<http://aniversariocampusvuepb.blogspot.com.br/>>. Acesso no dia 15 de junho de 2014.

CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local x global. **Patrimônio e Memória**, Assis, v.2, n.2, p. 52-60, dez. 2006.

CURVO, Isabela Sousa. Projeto expográfico do Centro de Memória da Associação Nacional dos Delegados da Polícia Federal: uma análise da proposta realizada em 2013. **Monografia** (Graduação em Museologia) – Curso de Museologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. Planejamento e organização de exposições – Parte II. **Anais**. In: 3º FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, 2008, São Paulo, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas,2008.

HORA, Sergio Almeida da.Arquivo Fotográfico e Desenvolvimento Local: Mapeamento e Descrição de Acervos Públicos e Privados na Capital Paraibana.**Monografia** (Graduação em Arquivologia) – Curso de Arquivologia,Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa,2011.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. Tradução: Wagner Bull, São Paulo: Cultrix. 2008.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 176).

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate á febre amarela no Brasil. **Tese** (Pós-graduação em Historia Social) – Curso de História, Universidade São Paulo, São Paulo, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed.São Paulo: Atlas,2008.

NUNES, Flávia Barros Fernandes. Difusão Cultural no Arquivo Afonso Pereira: o Teatro do Estudante da Paraíba e sua construção expográfica. **Monografia** (Graduação em Arquivologia) – Curso de Arquivologia, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 7º reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3.ed.São Paulo: Atlas,2011.

SCHELLEMBERG, T.R. **Arquivos Modernos: princípios e técnicas** – 6. Ed – Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Criando realidades através de exposições**. Rio de Janeiro: MAST Colloquia. 2009.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C.; RENAULT, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220>>. Acesso em: 19 mar. 2014.